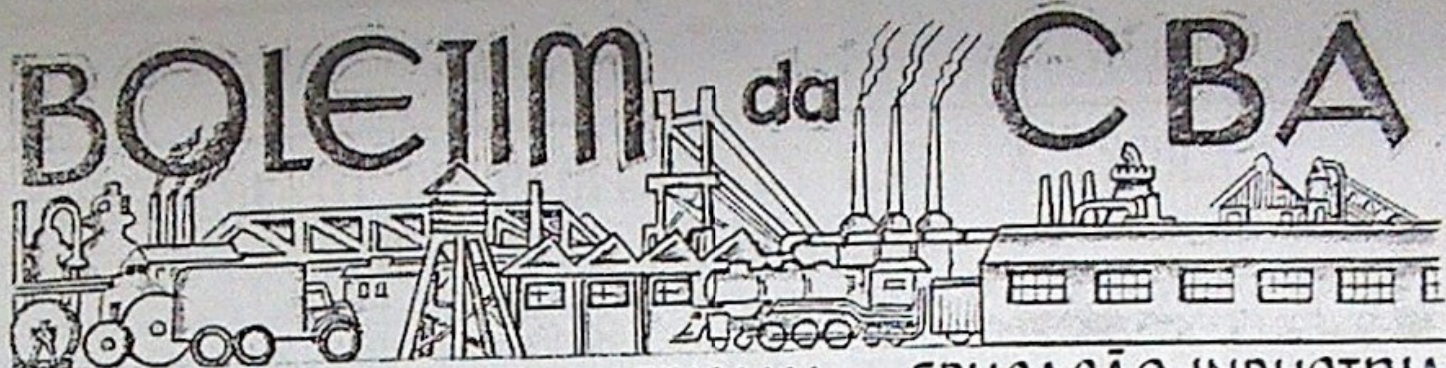


BOLETIM da CBA



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XIII

NOVEMBRO — 1959

N.º 10

ADMINISTRAÇÃO DA CBA I

Superintendente: Dr. Francisco Montojos.

Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur
F. Byrnes.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar,
Rio de Janeiro - D. F. - Brasil.

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.

Diretor Técnico Americano (Interino): Stanley
G. Hagen.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba
Av. 7 de Setembro esq. Westfalen,
Curitiba — Paraná — Brasil.

SUMÁRIO

EDITORIAL:

Fim de Curso.

NOTICIÁRIO:

Treinamento de Professores para a Escola Industrial de Brasília.

Visita do Sr. Ministro.

Exposição anual da Escola Técnica de Curitiba.

Reunião sobre o Ensino Industrial, comemorativa do cinquentenário da criação do Ensino Profissional, realizada no período de 21 a 25 de Setembro de 1959, em Volta Redonda. (Conferência do Governador de Pernambuco, Dr. Cid Sampaio). (Conclusão).

50 anos de Ensino Industrial.

O Dia do Professor na Escola Técnica de S. Paulo.

Viagem dos Professores em treinamento às indústrias paulistas.

Viagem de estudos dos alunos da 3.ª série do Curso Técnico da Escola Técnica de Curitiba.

Mesa redonda em São Paulo para discussão de temas importantes referentes ao Ensino Industrial.

Visita do Diretor substituto da Escola Técnica do Recife.

Discurso proferido por Dr. Francisco Montojos na inauguração do busto de Nilo Peçanha.

EDITORIAL:

FIM DE CURSO

*Embora a sementeira seja às vezes árdua
frutos são doces.*

*Os professores em treinamento terminam este
mês o 3.º curso de treinamento para professores, da
CBAI.*

*Não temos a pretensão de afirmar termos sido
perfeitos. Temos no entanto a satisfação de haver
mos cumprido o nosso dever com o máximo empenho.*

*Queremos ainda deixar patente o nosso desejo
de tudo fazermos para o aperfeiçoamento constante
do nosso curso de treinamento.*

*Esses quarenta professores que aqui vieram,
grande maioria de plagas distantes, afastaram-se
por cito meses do convívio do lar e do ambiente da
suas escolas. Nada de tudo aquilo que pudermos
oferecer-lhes compensará a falta daquele.*

*Compreendendo isso, queremos agradecer a
magnífica cooperação que emprestaram ao nosso
curso. Eles demonstraram estar perfeitamente
côncios da responsabilidade que todos nós os que
militamos na causa educacional temos para com
o futuro da nossa pátria. De que outra maneira
poderíamos servi-la melhor do que educando con-
venientemente a nossa mocidade?*

*Agora, que o curso terminou, desejamos aos
nossos professores um feliz regresso ao aconchego
de seus lares e fazemos um apelo para que eles pro-
curem aplicar em suas escolas o que lhes foi dado
aprender aqui.*

TREINAMENTO DE PROFESSORES PARA A ESCOLA INDUSTRIAL DE BRASÍLIA

Há poucos meses esteve na Escola Técnica de Curitiba o professor Neiva Moreira que, na qualidade de representante da Novacap veio arregimentar professores para a Escola Industrial, em construção, em Brasília.

Foram então convidados os ex-alunos que estavam dispostos a se mudar para a nova capital do

Brasil, em construção, a-fim-de preencherem os quadros da escola, na qualidade de professores.

Ficou a seleção deu-se início ao treinamento dos futuros professores para a nova escola.

Os flagrantes ilustram o grupo e fases do seu treinamento.

(Continúa na pág. seguinte)



O prof. Neiva Moreira quando em reunião com ex-alunos da E.T.C. expunha os planos da NOVACAP para a criação da Nova Escola Industrial em Brasília.

ex-alunos da ETC foram da aula na NOVACAP...

No clichê o grupo dos futuros professores da Escola Industrial de Brasília.



professores muito jovens que se destacaram ETC

Procurando tornar o treinamento bastante prático, além da parte teórica os futuros professores têm oportunidade de ministrar ensinamentos aos alunos da Escola Técnica de Curitiba.

E o que se pode constatar pelos cliês abaixo, onde se observa o professor explicando aos alunos as diversas fases das operações.

A notícia da criação de mais uma escola industrial é auspiciosa para todos aqueles que compreendem

*aceleração de um processo, mais rápido
também para mais necessária ao progresso
da técnica do que o ensino essencialmente acadêmico*

dem a importância do ensino industrial. O Brasil está passando pelo processo de industrialização e esse tipo de ensino nos parece mais necessário ao progresso da técnica do que o ensino essencialmente acadêmico, para a aceleração desse processo.

Como se trata de uma escola pequena, pelo menos presentemente, só foram selecionados candidatos para marcenaria, tipografia e encadernação.



Mais um aspecto do treinamento dos professores da Escola Industrial de Brasília, a caçula das Escolas Ind. do Brasil.



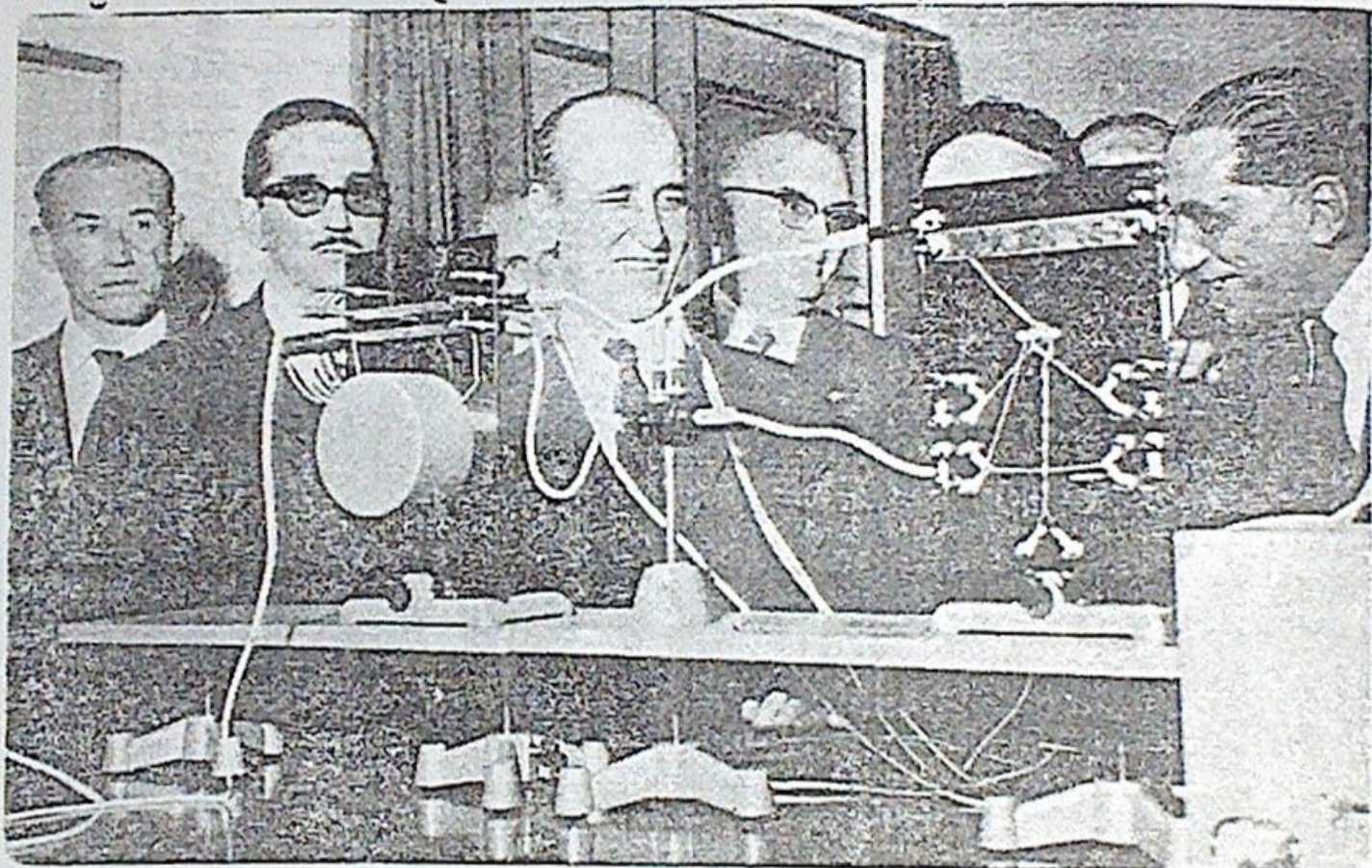
Um dos professores contratados pela NOVACAP quando em treinamento ensina a um aluno da E.T.C. operações de impressão.

Visita do Sr. Ministro

No dia 23 de outubro próximo passado, o Sr. Ministro da Educação e Cultura, Prof. Clovis Salgado, esteve em visita à Escola Técnica de Eletrô-

nica de Santa Rita do Sapucaí. O ministro fazia-se acompanhado do Dr. Francisco Montojos, nosso diretor do ensino industrial.

(Continúa na pág. seguinte)



Por ocasião de sua visita à Escola Técnica de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí o Sr. Ministro da Educação e Cultura prof. Clovis Salgado em companhia do Dr. Francisco Montojos inspecionou tôdas as instalações da referida escola. O clichê ilustra uma das fases dessa visita.

EXPOSIÇÃO ANUAL DA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA

Prosseguem em ritmo acelerado os preparativos para a exposição anual realizada na Escola Técnica de Curitiba. A julgar pelo que já está pronto, podemos garantir que esta será a melhor de tôdas as exposições já realizadas nesta escola.

Os trabalhos expostos, muito recomendam o trabalho e o progresso de nossos alunos.

Contaremos com a presença de altas autoridades e jornalistas.

No próximo número dêste boletim daremos notícias detalhadas da nossa exposição.

LEITOR AMIGO:

Este boletim não é meu, é nosso. Você bem poderia colaborar com ele. Mande-nos qualquer notícia de sua escola que possa ser de interesse geral.

Recebemos, como você pode ver neste número, contribuições das Escolas Técnicas de Salvador, São Paulo e Santa Rita do Sapucaí.

Notícias sobre festas, de caráter cívico ou recreativo, podem interessar. Remeta-nos também fotografias.

VISITA DO SR. MINISTRO

Naquela escola Sua Excia. examinou detidamente tôdas as instalações do referido estabelecimento educacional.

A notícia não é tão simples como pode parecer à primeira vista. É confortador saber que o Sr. Ministro se afasta, não só dos encantos da Cidade Maravilhosa, como dos múltiplos problemas que tem a resolver na pasta à frente da qual se encontra, para examinar pessoalmente os problemas locais, que nós bem sabemos quão grandes são.

Administrar uma casa pequena é mais fácil do que fazer com que tudo ande bem numa casa grande. A casa grande no caso é o nosso vasto país.

Ninguém que fique comodamente na Capital poderá administrar convenientemente. Os serviços públicos espalhados pelo nosso imenso território não são, de modo algum, um teleguiado. É preciso que as autoridades vão pessoalmente verificar

(Continuação da pág. anterior)

como andam as coisas e procurem resolver, pela observação direta, nossos problemas, que são muitos e angustiantes.

Está portanto de parabens, menos a Escola Técnica de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí do que o Ministro Clovis Salgado que procura se inteirar dos assuntos pertinentes à sua pasta.

Se lançarmos um olhar retrospectivo para a evolução brasileira vamos constatar que o Brasil passou muito rapidamente da economia meramente agrícola a pastoril para a fase industrial, mal tocando no artesanato. Para uma economia industrial a eletrônica, o cérebro das máquinas modernas, é de vital importância. É portanto inteiramente justificável o interesse dos poderes públicos pela Escola Técnica de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí.



Outro flagrante da visita do Sr. Ministro da Educação e Cultura à Escola Técnica de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí.

REUNIÃO SOBRE O ENSINO INDUSTRIAL, COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO DA CRIAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL, REALIZADA NO PERÍODO DE 21 A 26 DE SETEMBRO DE 1959, EM VOLTA REDONDA

(Conclusão do número anterior)

ção nativa dessas regiões indica o caminho. O agave e a palma, praticamente imunes à seca, podem se tornar as culturas de fixação do homem. Ambas permitem o cultivo simultâneo de cereais e leguminosas.

É possível, pois, tornar economicamente rentáveis os melhores hectares, quase incultos ou imobilizados em pastagens com produtividade mínima.

O cultivo em larga escala de palma exige produção na região de elementos proteicos necessários à complementação alimentar dos rebanhos. Faz-se necessário, assim, o desenvolvimento da cultura do algodão que, rentável em determinadas regiões do Estado, encontra seu habitat, com rendimentos surpreendentes, nas terras marginais do São Francisco, com irrigação.

Além do mais, exclusivamente com assistência técnica, seria possível duplicar a produção atual, como já ocorreu no Estado há 20 e tantos anos passados.

Ao lado do problema do algodão, surge como consequência do alargamento de área agrícola, com a cultura da palma, o mercado local para proteína. É assim indicado o aproveitamento industrial da calda do melaço e da própria cana na sua produção pelo processo industrial de fermentação.

Deve-se ter em vista que o aproveitamento das caldas resolve velho problema da proteção dos cursos d'água. A fermentação com tórula reduz a 80% o B O D inicial de calda, tornando-a se não inteiramente inócua, ao menos de fácil e acessível tratamento.

Até hoje nenhum processo reduziu o BOD inicial nesta proporção.

O mercado franco de proteína e a possibilidade de sua produção partindo do caldo de cana, com rendimentos de 64 a 75 quilos por tonelada de cana, abre novos horizontes para solução do problema do açúcar, ameaçado na sua estabilidade pela produ-

ção assustadora e crescente do Estado de São Paulo.

No que tange à produção de agave, outra perspectiva se abre para a indústria com a sua utilização para fabricar celulose. A qualidade do produto obtido com agave, apresentando características técnicas favoráveis na comparação com o produto originário das regiões especializadas do mundo, vem abrir franco mercado não só no mercado nacional, como para exportação.

Para os produtos de subsistência, novas terras podem ser liberadas com a melhoria técnica na produção de cana, através de irrigação, criando possibilidade de reduzir a área utilizada na sua cultura. Ao mesmo tempo a irrigação, nas margens do São Francisco e nas bacias onde as condições forem favoráveis, permitirão a sua produção estável, sem o risco dos prejuízos decorrentes das secas nesses produtos tão sensíveis às estiagens.

Dentro dessas diretrizes poderemos contar, desde que seja adotada política de crédito e assistência técnica compatíveis, com um aumento sensível no poder aquisitivo da população rural. É evidente que plano dêse porte implica numa política de colonização, tendo em vista o melhor rendimento econômico e social da terra.

Os preços das terras incultas no nosso Estado permitem formular planos de colonização com pequenos investimentos que terão um significado surpreendente no progresso social e econômico do País.

Antes de fixar-me nos planos de industrialização básicos para o Estado, quero salientar que a solução do problema da terra com o desenvolvimento da pecuária decorrente das culturas de palma, de algodão e da produção industrial da proteína, surge possibilidade da indústria de laticínios.

A política do Governo, no que se refere à industrialização, será no sentido de intensificá-la ao máximo ao mesmo tempo em que promoverá a sua di-

versificação. Para isto, envidaremos todos os esforços e concederemos tôdas as facilidades de que possa dispor o Governo. Sentimos que amplas possibilidades se nos defrontam. Urge que as aproveitemos e vençamos os obstáculos que se opõem a uma maior participação do Governo Estadual no esforço em prol do desenvolvimento econômico. Estes são de dois tipos: Institucionais e econômico-sociais.

Entre os institucionais, o mais importante é o preconceito existente — de modo geral em áreas economicamente atrasadas — contra as relações governamentais com empresas privadas, quer se trate de associações mistas para empreendimentos, quer se trate de facilidades que se concedam para a instalação de unidades econômicas que, sem os auxílios ou subsídios, poderiam se localizar, indiferentemente, em outros pontos do País. Frequentemente, essas relações ou auxílios são acoimados de constituírem favoritismos, prejudiciais à economia do povo, quando, pelo contrário, podem e soem ser, às mais das vezes, exatamente, o oposto. Os obstáculos do segundo tipo — econômico-sociais — relacionam-se com a própria fraqueza econômica dos Estados — estamos nos restringindo aos do Nordeste — impedindo-os de concentrarem uma maior poupança em investimentos básicos. Referem-se, também, êsses obstáculos, à falta de elementos de política fiscal e monetária — da alçada do Governo Federal — que, muitas vezes, impedem aos Estados orientar os investimentos privados para as áreas consideradas prioritárias. E, por último, dizem respeito ao próprio papel que o Poder Público Estadual representa para a economia local, como fonte de emprego quase que a única permanentemente em ascensão, canalizando boa parte de suas disponibilidades para o pagamento de pessoal, prejudicando a formação de poupanças atrás referidas.

Tendo em conta tôdas essas limitações, o Governo Estadual de Pernambuco, longe de arrefecer, procura os melhores métodos de trabalho, a fim de oferecer à iniciativa privada condições mais privilegiadas neste Estado.

Esforçando-se para vencer estas dificuldades, o Governo de Pernambuco empenha-se para constituir um parque industrial que atenda às necessidades da vasta área nordestina. E é com alegria e orgulho, que anunciamos a próxima instalação de

duas usinas siderúrgicas, com capacidade para produzir 120 e 50 mil toneladas de ferro e aço, respectivamente, além de fio-máquina trefilados e farpados.

Ainda no setor da indústria de base, estamos analisando a possibilidade da instalação de uma indústria mecânica pesada para atender, principalmente, à indústria do açúcar e à têxtil. Com a implantação da indústria pesada, uma série de outras indústrias fatalmente será induzida a se instalar em Pernambuco e no Nordeste.

Se é necessário dotar o Nordeste de ferro e aço, imperioso é a diversificação da nossa indústria tradicional. Não poderemos sobreviver se continuarmos apoiados no açúcar e na indústria têxtil.

Devemos partir, imediatamente, para a implantação de uma indústria química, com base no álcool e demais sub-produtos da cana. A celulose e papel, com base no bagaço de cana associado ao sisal, com possibilidade de atender ao mercado regional. Também do bagaço de cana, estuda-se a possibilidade de uma fábrica de furfural para suprir o mercado nacional e competir no mercado internacional, onde a demanda é efetiva e a oferta altamente escassa. Está também em andamento a instalação da indústria de plastificantes com base no álcool.

Ainda, com a mesma matéria prima, o Governo de Pernambuco pretende instalar uma grande fábrica de borracha sintética. Conseguimos do Governo Federal a criação de um grupo de trabalho, integrado por técnicos do B.N.D.E., da Petrobrás, do Conselho de Petróleo do Condono e estaduais, que concluiu pela viabilidade de realização do investimento no Estado e, dêsse modo, o Executivo estadual está providenciando a constituição da sociedade que explorará êsse importante e básico ramo da indústria química pesada.

Devo mencionar, também a indústria de fertilizantes, tanto à base de fosfatos, como azotados, com os projetos já em elaboração, para os quais o Governo se empenhará grandemente na execução.

Além dessas, estamos analisando a possibilidade de instalação de diversas outras indústrias de menor porte, mas cujo concurso é imprescindível para que obtenhamos uma autonomia econômica, tais como química farmacêutica, minerais não ferrosos, pesca.

Estes setores têm constituído a preocupação básica do planejamento industrial, que o atual Governo de Pernambuco se propoz a elaborar e dar execução.

Para que se torne possível, todavia, a integração do sistema econômico, cabe ao Poder Público prestar, direta ou indiretamente uma gama de serviços que, se inexistentes, reforçarão inevitavelmente, os pontos de estrangulamento da economia estadual. Conhecemos as dificuldades que se nos antepeem, neste, setor, cuja responsabilidade de financiamento cabe quase exclusivamente ao Poder Público. Todavia, pouparemos de onde fôr possível poupar, mas não sacrificaremos o programa de pavimentação de nossas rodovias, nem interromperemos a execução do plano de energia elétrica. Se as necessidades vierem a exigir, buscaremos os recursos em qualquer outra fonte, de modo que o Estado possa cumprir suas verdadeiras funções de prestador dos serviços reclamados pela comunidade.

Além de energia e rodovias, é necessário que equipemos o pórtio do Recife — tradicional eixo do nosso maior empório comercial — para que ele se transforme em instrumento eficaz nas trocas desta região com o resto do País e com o exterior. Visando, ainda, ao comércio marítimo inter-regional, o Governo de Pernambuco está empenhado nos estudos necessários para a constituição de uma companhia de navegação que, provavelmente, se organizará sob a forma de economia mixta, congregando capitais da União, do Estado e privados.

Finalmente, o setor de serviços, prosseguiremos na ampliação da rede de silos e armazéns gerais, mantendo este órgão distante das injunções e dos interesses político-partidários. Com uma eficiente rede de silos e armazéns dinamizaremos o crédito e manteremos estável a oferta dos produtos agrícolas sem aviltamento dos preços.

Resta-nos, agora, definir as atribuições do Governo nesta política de desenvolvimento que me propuz vos expor.

Considero que ao Executivo compete elaborar o programa global e determinar a política a ser adotada, com a coragem de indicar os rumos certos, embora difíceis e custosos de conseguir.

O atual Governo de Pernambuco concederá toda assistência e todas as facilidades aos que preten-

dem contribuir em atividades produtivas, no Estado, através de seus órgãos especializados.

Dentro de poucos meses, enviarei mensagens à Assembléia Legislativa, reformando e ampliando a vigência de lei de isenções às indústrias sem similares e solicitando autorização para que o Estado de Pernambuco, além de poder oferecer aval às transações financeiras vinculadas à sua política de desenvolvimento, possa também participar, como acionista, de alguns dos investimentos programados.

Dentro dessa política estamos empenhados, também na criação de um distrito industrial, para cuja consecução solicitaremos, em tempo, o apoio e a colaboração da Prefeitura de Recife e dos municípios vizinhos. É pretensão nossa que o distrito industrial possa oferecer aos investidores água, energia elétrica, ligação rodoviária e outros serviços que possibilitem a integração das diferentes indústrias que nele venham a se instalar.

Estas são as linhas básicas do plano de desenvolvimento traçado para o Estado de Pernambuco. Visa desenvolver econômica e socialmente o meu Estado, integrando-o cada vez mais no contexto nordestino. Se realizado, estamos certos que trará grandes benefícios para todas as nove unidades que compõem aquela região e ajudará as condições sociais de milhões de brasileiros que hoje vivem miseravelmente.

Para que se objete o desenvolvimento econômico do Nordeste, necessitaremos do apoio e da compreensão de vós — brasileiros do sul — que estamos certos, não nos faltará, pois que somente unidos e economicamente integrados é que estaremos realizando o sonho dos nossos antepassados e cumprindo a nossa obrigação histórica de elevar o Brasil à categoria de grande potência econômica e política.

Cid Sampaio
Governador de Pernambuco

"Não há trabalhos superiores: todos são nobres, porque todos contribuem para manutenção harmoniosa da vida coletiva. Tão útil à comunidade é o trabalho do mineiro que perfura a montanha, como o engenheiro que constrói uma ponte, ou do sábio que investiga no laboratório os meios de prolongar a vida humana."

MOISÉS POBLETE

!max interessantes

50 ANOS DE ENSINO INDUSTRIAL

Professores e alunos da Escola Técnica de Salvador comemoraram com brilho o cinquentenário do ensino industrial no Brasil.

As solenidades compareceram autoridades educacionais e em outros setores de atividades.

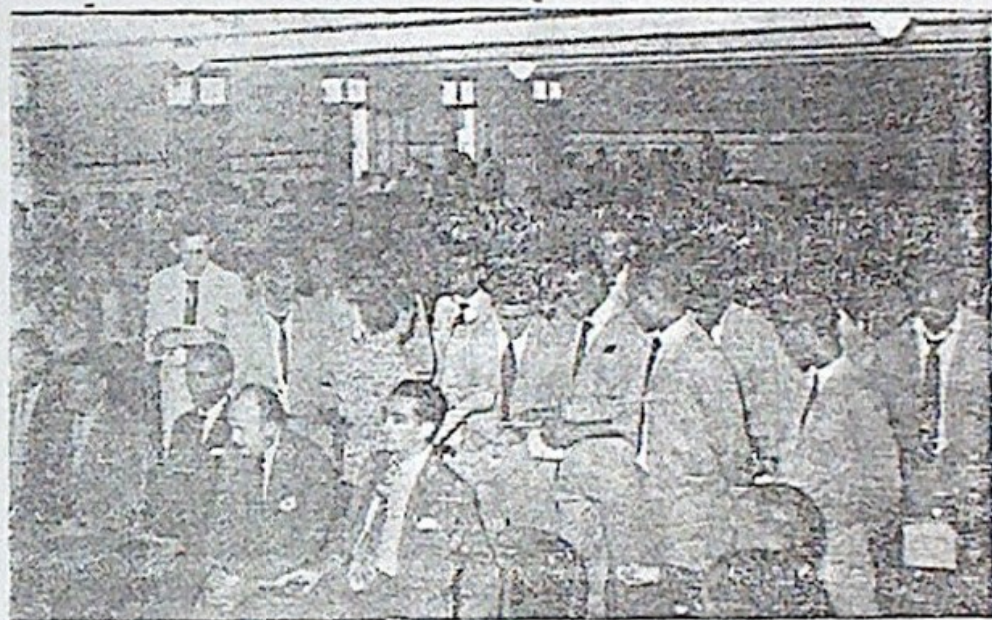
Solenidades:

Pela manhã, com o salão nobre da escola, totalmente lotado falou o representante da Petrobrás,

Dr. Ruy Cavalcante de Araujo sobre o tema: a contribuição do Ensino Técnico-Profissional à Petrobrás, exaltando a contribuição que a Escola Técnica da Boa Terra tem prestado àquela autarquia pelo envio de profissionais bem qualificados que vêm contribuindo com seus serviços para o progresso da nossa companhia petrolífera.

(Continua na pág. seguinte)

Flagrante da solenidade de comemoração dos cinquenta anos de ensino industrial no Brasil. Escola Técnica de Salvador.



Aspecto da solenidade do cinquentenário de fundação do ensino industrial no Brasil, na Escola Técnica de Salvador. De pé o Sr. Temístocles Campos de Aragão quando se dirigia à platéia.

O DIA DO PROFESSOR NA ESCOLA TÉCNICA DE SÃO PAULO

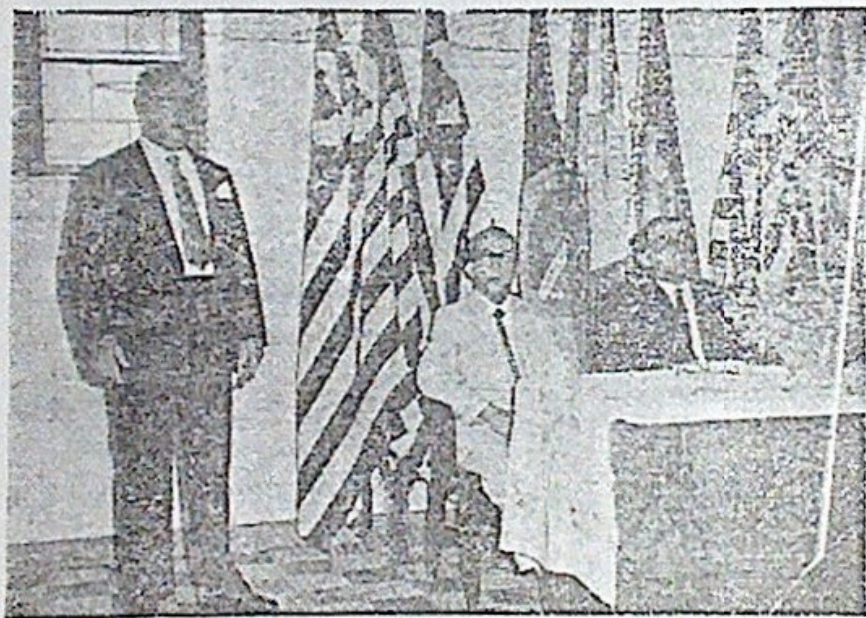
Cercou-se do maior brilhantismo a festa de comemoração do dia do professor em São Paulo.

Com a presença do Diretor do Ensino Industrial, Dr. Francisco Montojos, do Diretor da Escola Técnica de Curitiba, Dr. Lauro Wilhelm, Diretor da Escola Técnica de São Paulo, anfitriã da comemoração ora reportada, Prof. Djalma da Fonseca Neiva, professores e alunos da escola, foi feita uma seção solene. Foram oradores os professores Antonio André Mendonça de Queirós Telles e Miguel Costa Jr. ambos professores de Geografia e História, além dos alunos José Luiz Gandara Martins, da 2.^a série do curso industrial, Tarcio de Souza Brígido, da 1.^a série do curso industrial e Álvaro Au-

gusto Fonseca, da 3.^a série do curso técnico de Máquinas e motores.

Na ocasião foi feita a inauguração do busto de Nilo Peçanha, esse ilustre brasileiro que tão arduamente defendeu a excelência do ensino industrial no Brasil. É homenagem das mais merecidas à qual nós nos associamos. Usou da palavra, na ocasião, como orador oficial o professor Humberto Carpinelli, chefe do curso de Cerâmica da Escola Técnica de São Paulo.

Os flagrantes mostram: 1.º o busto do ilustre brasileiro ladeado por Dr. Francisco Montojos, Dr. Lauro Wilhelm, diretor da Escola Técnica de Curitiba (Continúa na pág. seguinte)



O flagrante ilustra a mesa diretora da seção solene realizada na Escola Técnica de São Paulo, por ocasião das solenidades de comemoração do dia do professor. Em pé o prof. Humberto Carpinelli quando pronunciava sua oração.

As 11 horas foi servido um lanche aos 700 alunos do educandário e ao meio dia um almoço de confraternização aos convidados, professores e ex-alunos.

HOMENAGEM AO PAI DO ENSINO INDUSTRIAL NO BRASIL

Louvando a figura de Nilo Peçanha, criador da rede de ensino federal no Brasil, pronunciou o padre Gaspar Sadoc, professor da escola, um eloquente discurso tecendo comentários às palavras de Nilo Peçanha: "o Brasil de hoje saiu das Academias e o de amanhã sairá das oficinas".

Concluindo sua oração procurou o padre Gaspar Sadoc mostrar a importância do ensino industrial, como fator imprescindível ao desenvolvimento da Pátria e apelou para os sentimentos de abnegação e devotamento aos estudos profissionais, de tão grande importância para o Brasil, principalmente nos dias presentes.

O Boletim da CBAI recebeu o programa convite que gentilmente nos enviou o diretor da Escola Técnica de Salvador. Agradecemos a gentileza e formulamos votos pela prosperidade sempre crescente daquela modelar instituição.

frase de Nilo Peçanha

tiba e Prof. Djalma da Fonseca Neiva, diretor na Escola Técnica de São Paulo, o 2.º a mesa diretora da seção presidida pelo Dr. Montojos e de pé o prof. Humberto Carpinelli quando proferia sua oração que a seguir publicamos na íntegra.

Prezados Colegas:

Convocado pelo nosso caro Amigo Djalma, eis-me aqui para, durante alguns poucos instantes, partilhar da vossa agradável e honrosa companhia neste grande dia em que homenageamos o Professor.

Não podia eu faltar a esta convocação por motivos óbvios.

Quero que minhas palavras tenham, pelo menos, uma excelência: a brevidade. Não é preciso dizer muito para exaltar as qualidades daquele cujo dia hoje se comemora.

O Professor é um símbolo e o termo, na sua singeleza, contém todos os atributos que a minha adjetivação pretendesse conferir.

O ensino industrial inicia agora a terceira fase de sua evolução na República: a da autonomia e flexibilidade. Muito esperamos disso, como força-motriz de um impulso renovador. Seria inútil essa autonomia se não dispuséssemos de professores capazes e dedicados. Minha batalha para atribuir autonomia às escolas da rede federal traduz, mais do que as palavras que pudeste proferir, minha inabalável confiança em nosso corpo docente, de cujo

discernimento dependerá principalmente o sucesso das escolas da rede federal.

No funcionamento da escola o corpo docente será a peça mestra, participando de sua alta administração, através da presença de um professor no Conselho de Representantes, órgão da administração escolar, e assumindo o encargo da direção pedagógica e didática do estabelecimento atribuída ao Conselho de Professores.

Estou certo de que haverá uma perfeita integração dos professores com os trabalhos escolares o que possibilitará um maior desenvolvimento desse ramo de ensino de que tanto carece o país. Não tenho a menor dúvida de que os professores saberão cumprir esses novos encargos com honestidade e patriotismo. Sua responsabilidade é grande, bem o sei, mas não temo afirmar que saberão desincumbir-se eficientemente.

Quero, concluindo, agradecer-vos a colaboração sempre prestimosa que venho recebendo e formular votos de imensas satisfações profissionais e pessoais, bem como expressar minha particular alegria em ver transcorrer a data simbólica do Mestre brasileiro, entre professores paulistas, sempre presentes na vanguarda dos movimentos de renovação do ensino, entre os quais tenho encontrado o encantador convívio que a amizade sincera proporciona.

Parabens!

Outubro de 1959

(na Escola Técnica de São Paulo)

No clichê vemos o busto de Nilo Peçanha no dia da solenidade de sua inauguração. Ladeando-o vemos o Dr. Francisco Montojos, Diretor do Ensino Industrial, Prof. Djalma da Fonseca Neiva, Diretor da Escola Técnica de São Paulo, e ao lado do Dr. Montojos, Dr. Lauro Wilhelm, Diretor da Escola Técnica de Curitiba.



VIAGEM DOS PROFESSORES EM TREINAMENTO ÀS INDÚSTRIAS PAULISTAS

Dentre as coisas boas que a CBAI concede aos professores em treinamento é a visita às empresas fabris de São Paulo, uma das que mais despertam o interesse dos professores.

Não podemos negar que, a despeito das dificuldades econômicas que experimentamos presentemente, nosso progresso tem sido espantoso nos últimos anos, o que vem mais uma vez atestar a capacidade intelectual e realizadora do nosso povo.

Muitos mais, além desse grupo de 40 professores, deviam ver aquela verdadeira colmeia, principalmente aqueles que não creem no Brasil.

Os professores partiram de Curitiba no dia 4 de outubro às 19,30 em ônibus especial. No dia seguinte às 8,30 davam entrada na capital paulista.

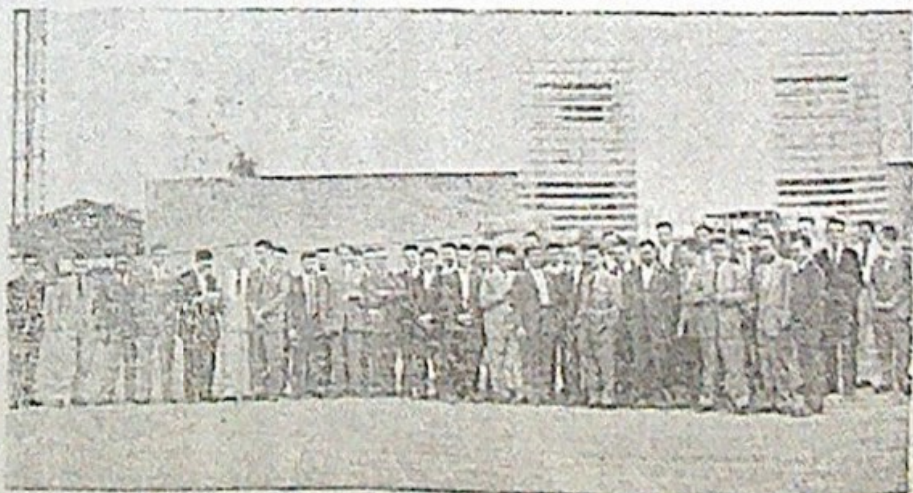
O professor Marcos Pontual recebeu-nos em S. Paulo.

(Continúa na pág. seguinte)



Um grupo de professores de marcenaria quando no I.P.T. assistia a estudos sobre a madeira.

O grupo completo dos professores em treinamento, posando para o "Boletim" defronte à Willys Overland do Brasil S. A.



Depois de alojados, os professores em treinamento acompanhados dos profs. Luiz Procopio, que além de ser professor da Escola Técnica presta seu concurso à CBAI na qualidade de Assistente Administrativo, Roberto Rosenstein, de Auxílios Visuais, Raul Romano Rangel de Mecânica de Máquinas e Vitorio Stringari de Marcenaria, iniciaram as visitas.

Do programa oficial, para o grupo completo, constavam 3 visitas. Cada professor em treinamento, no entanto, teve a obrigação de preparar sua lista particular das visitas que desejava fazer. Assim, depois de consultados os interesses particulares, e as possibilidades, foi organizado o roteiro das visitas. Cada grupo procurou se dirigir para onde os interesses de sua especialidade o conduzissem.

Partindo sempre da Escola Técnica de São Paulo, ponto de reunião, os professores se dirigiram para as várias visitas entre as quais merecem especial atenção as seguintes: Willys Overland do Brasil S. A., Instituto de Pesquisas Tecnológicas, SENAI de S. Paulo (Escola Roberto Simonsen), que foram as três visitas coletivas.

Na Willys puderam os visitantes observar todas as operações na fabricação de um carro, desde as pequenas peças como, parafusos, eixos, engrena-

gens e tratamento térmico, até as operações maiores, como sejam, a usinagem de blocos para jeepe de 4 e 6 cilindros e dos novos carros que serão lançados em breve no mercado, sendo o Dauphin, da Renault, que está sendo fabricado pela fábrica Willys, o que mais chamou a atenção. Um dos professores, que está fazendo o treinamento na mecânica de automóveis, teve a oportunidade de guiar dentro da fábrica o primeiro carro Dauphin aqui montado e não regateia elogios à qualidade e linhas do novo carro brasileiro.

Prosseguindo nas suas observações, viram eles a montagem dos motores e o teste final de funcionamento, além das prensas para estampagem.

Chamou muito a atenção dos visitantes a ordem, satisfação e precisão com que os operários trabalham. São todos alegres e corteses e muitos deles acionistas da fábrica. Para ilustrar a rapidez com que trabalham podemos informar que sai um carro de 15 em 15 minutos totalmente pronto, que dá um total de 100 carros por dia.

A fábrica ofereceu um lauto almoço a todos os visitantes que de lá partiram entusiasmados.

No I. P. T. (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) a caravana assistiu a ensaios de resistência do metal e da madeira, gráficos e cálculos de resis-

(Continúa na pág. seguinte)



Outro grupo de professores frente
ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

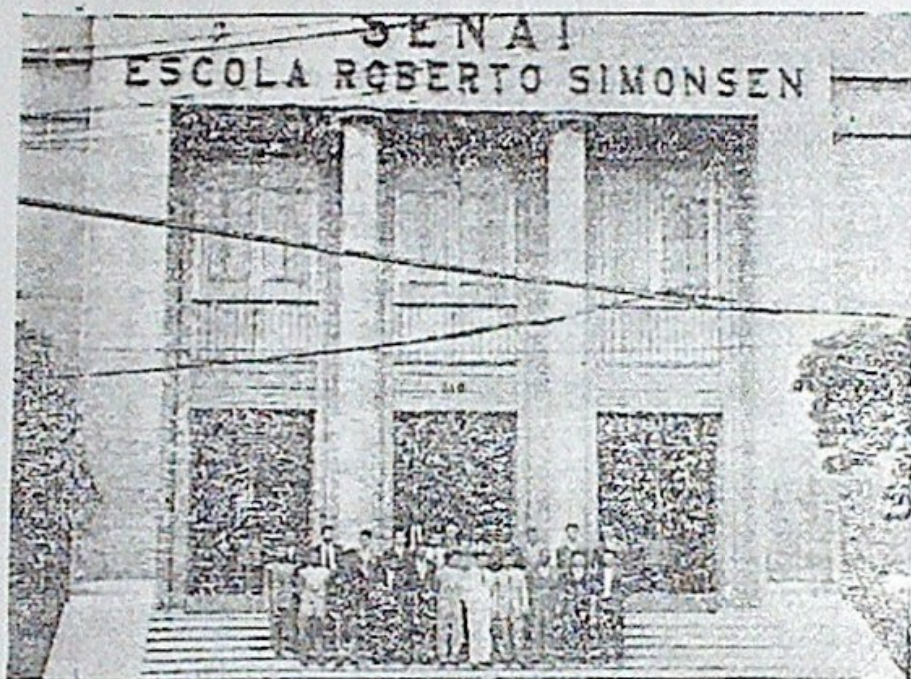
tência e estudos sobre as madeiras. O I. P. T. ofereceu livros aos professores em treinamento sobre o assunto.

Além dos três visitas coletivas os professores interessados em eletricidade e rádio visitaram as Fábricas Phillips, onde observaram a montagem de receptores de televisão, linha de montagem de rádios fonógrafos, rádios de cabeceira e transistorizados.

No IERAPE foram feitas demonstrações para os visitantes de todos os processos de fabricação de válvulas eletrônicas, desde os reduzidíssimos eletródios internos, até a parte final e a embalagem. A fábrica produz ainda cinescópios para televisão.

Visitando a IMBELSA puderam os professores presenciar a fabricação de toca-discos e transmissores para rádio-difusão e cinema sonoro.

(Continúa na pág. seguinte)



Um grupo de professores em treinamento na frente da Escola do SENAI, Roberto Simonsen, quando dá sua visita aquela instituição.

O grupo dos professores defronte a Escola Técnica de São Paulo, momentos antes do seu retorno a

Curitiba.



VIAGEM DE ESTUDOS DOS ALUNOS DA 3.ª SÉRIE DO CURSO TÉCNICO DA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA

Em companhia do professor de desenho Sr. Arthur Dybowicz, um grupo de alunos da terceira série do curso técnico da Escola Técnica de Curitiba, nos cursos de máquinas e motores e edificações, empreendeu uma viagem de estudos à capital paulista.

Contando para isso com recursos fornecidos, em parte pela Escola Técnica de Curitiba e parte pelo comércio local, os diplomandos de 1959 do curso técnico de Curitiba partiram de trem no dia 23 de outubro próximo passado para S. Paulo.

Naquela cidade foram eles hóspedes da Escola Técnica de S. Paulo, cujo diretor muito gentilmente fez o impossível para acomodá-los. Por intermédio do Boletim os alunos citados enviam seus agradecimentos à Escola Técnica de São Paulo, representada pelo seu dinâmico diretor, Prof. Djalma da Fonseca Neiva.

Logo após sua chegada à cidade que mais cresce na América Latina, iniciaram os alunos suas visitas de estudo a estabelecimentos fabris. Assim é que visitaram a fábrica Mercedes Benz, O Instituto de Pesquisas Tecnológicas, a Cerâmica São Caetano e o Instituto Brasileiro de Arquitetos.

Aproveitando a oportunidade, foram até o Rio onde tiveram oportunidade de conhecer a Escola Técnica Nacional, da qual trouxeram magnífica impressão.

Essas viagens são muito instrutivas pois ampliam o conhecimento dos nossos alunos, alargando sua visão do progresso de nossa terra.

(Continuação da pág. anterior)

Foram visitadas ainda a Fábrica Walita e a Fábrica de Alternadores "Irmãos Negrini", especializada em geradores para solda elétrica, e motores mono, bi e trifásicos, turbinas, etc.

Como observam os leitores nossos professores aproveitaram muito bem a visita e puderam ver muita coisa que todos, nós, estou certo, gostaríamos também de ver.

MESA REDONDA EM SÃO PAULO PARA DISCUSSÃO DE TEMAS IMPORTANTES REFERENTES AO ENSINO INDUSTRIAL

Procurando encontrar solução prática para os nossos problemas no ensino industrial, destacando-se os que dizem respeito aos métodos de inclusão das artes industriais nas escolas industriais do Brasil, estiveram reunidos em São Paulo, nos dias 4 e 5 do corrente altas autoridades do nosso ensino industrial e da CBAI.

A mesa redonda foi constituída pelo Diretor do Ensino Industrial, Dr. Francisco Montojos, Dr. Byrnes atual chefe da delegação americana no Brasil, Professor João Batista Salles, diretor de cursos do SENAI de São Paulo, Mr. Robert H. Wilson, técnico americano da CBAI em cursos de extensão profissional, Prof. Marcos Pontual, técnico da CBAI, Mr. Stanley Hagen, diretor americano interino do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores em Curitiba, além do nosso Diretor da Escola Técnica de Curitiba, Dr. Lauro Wilhelm, e o Sr. Ricardo Knesebeck, coordenador do curso de treinamento de professores.

Reconhecendo a importância do papel do professor na educação e da necessidade que têm nossas escolas de professores altamente credenciados, discutiram aquelas personalidades planos para os futuros programas de treinamento de professores no Centro de Pesquisas e Treinamento em Curitiba.

Fazemos votos que as soluções por eles encontradas sejam as que mais convêm à boa solução dos nossos problemas.

A Diretoria do Ensino Industrial fará oportunamente a divulgação dos resultados a que chegaram as autoridades que se reuniram em São Paulo.

Podemos no entanto antecipar que são recomendações para a boa aplicação dos novos currículos em face da lei n.º 3.552 de 16-2-59 e do consequente decreto 47.038 de 16-10-59 que tão grandes alterações vem introduzir no ensino industrial do Brasil, da qual tanto esperamos.

VISITA DO DIRETOR SUBSTITUTO DA ESCOLA TÉCNICA DO RECIFE

Esteve em visita à nossa escola o Prof. Haydn Porto Goulart, Diretor Substituto da Escola Técnica de Recife. O Boletim dá as boas vindas ao Prof. Goulart e sua digníssima esposa e lhes deseja uma feliz estadia em Curitiba.

DISCURSO PROFERIDO PELO DR. FRANCISCO MONTOJOS NA INAUGURAÇÃO DO BUSTO DE NILO PEÇANHA

Meus Senhores:

Uma homenagem a NILO PEÇANHA enquadra-se, perfeitamente, nas comemorações do DIA DO PROFESSOR, porque foi o estadista fluminense quem iniciou, entre nós, a Educação para o Desenvolvimento, que é a forma dinâmica de preparação para uma época que se projeta, continuamente.

Instituindo a rede de escolas profissionais federais e, com elas, o sistema nacional de ensino industrial, abriu Nilo um vasto horizonte de trabalho para a juventude e, concomitantemente, um setor novo de atividades docentes.

Não ignoramos que o ensino industrial existia antes de NILO, desde os começos da era colonial, nas escolas dos religiosos e, como aprendizagem, dentro da própria indústria, nas corporações de ofício que funcionaram no Brasil, como herança medieval portuguesa, até serem extintas pela Constituição do Império, de 1824.

Mas esse ensino não era estimulado e, senão em medidas esparsas, o Estado não manifestava considerá-lo como dever seu, a não ser para o fim de recuperar os elementos marginais ou desamparados da juventude brasileira.

Gonçalves Dias, que em 1851 recebera a comissão de inspecionar as escolas do norte, do Amazonas à Bahia, dentre as mais impressionantes conclusões de seu relatório afirmava que uma das falhas mais acentuadas do ensino profissional, conforme pudera observar, era a humilhação imposta ao aprendizado de ofícios.

Daí em diante, é verdade, maiores cuidados seriam dedicados ao ensino profissional, em parte porque, a partir da extinção do tráfico negreiro e da adoção do protecionismo alfandegário pelas tarifas Alves Branco (2.º Marquês de Caravelas), a indústria nacional iria desenvolver-se, embora lentamente, provocando uma demanda, muito modesta ainda, de mão-de-obra qualificada. Realmente, o projeto de reforma de Paulino de Souza, na década iniciada em 1860, postulava a criação de escolas junto às fábricas, e o de João Alfredo, na década seguinte, insistia na necessidade de escolas profissionais nos municípios e escolas especificamente industriais. A reforma Leôncio de Carvalho, de 1878-79, além de escolas para adultos, incluía escolas de trabalho para o sexo feminino. O famoso parecer de Rui Barbosa, precursor de tantas providências consideradas atuais, como a prorrogação do ano letivo pela carência de aulas, lembrou-se, também, da conveniência de se manterem escolas profissionais na Corte e nas províncias. A reforma Almeida e Oliveira, de 1882, comportava escolas práticas de agricultura e de ofícios, de química industrial, de artes e manufaturas no Pará, de fiação e tecelagem em cinco províncias, de um curso de engenharia-mecânica e construção de máquinas. A reforma do Barão de Marmoré, de 1887, abrangia escolas profissionais e aulas industriais na corte, e o Congresso de Instrução de 1883 não foi alheio aos problemas de ensino profissional, cuidando de sua organização e aparelhamento.

É muito expressivo que, em 1854, o Governo do Maranhão reclamasse do legislativo uma reforma do ensino industrial, e que, na Bahia, o presidente João Maurício Wanderlei, em 1953, achasse que os jovens sem "meios de tomar a nobre carreira da indústria não devem ficar circunscritos à escola elementar; precisam de escola média". É ainda significativo que, à sua custa, D. Pedro II tenha fundado escolas-oficinas na Quinta da Boa Vista e em Santa Cruz, e que a fundação do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em meados do século passado, logo tenha feito surgir estabelecimentos congêneres, de iniciativa privada, em numerosas províncias,

primeiramente na Bahia e neste empreendedor São Paulo, fundado em 1873 pelo Conselheiro Leôncio de Carvalho e reorganizado pelo Eng.º Ramos de Azevedo.

A república nascente fez, e até extinguiu, em 1899, a útil iniciativa das Companhias de Aprendizizes Artífices, dos Arsenais do Império. Assinalam-se, no regime instituído em 1889, é verdade, algumas providências, como a do decreto n.º 722, de 30 de janeiro de 1892, que fundiu a Casa de São José e o Asilo dos Meninos Desvalidos, no Instituto de Educação Profissional, e a dos Decretos 101 e 103, de outubro do mesmo ano, que instituiu a escola de maquinistas no Pará, no Arsenal de Marinha, e um curso de náutica.

Essa resenha histórica evidencia o pioneirismo de NILO PEÇANHA, criando, com o decreto n.º 7.565, de 23 de setembro de 1909, escolas de aprendizes-artífices em todas as unidades federadas, origem da atual rede federal. O Brasil, então, não possuía parques fabris de importância. Até os primeiros anos do século presente, a economia nacional baseava-se na produção da matéria prima e gêneros tropicais, 70% de produtos agro-pecuários e apenas 30% de produtos industriais. Havia uns 150 000 operários, quase totalmente à margem de qualquer proteção ao trabalho. O Presidente Nilo Peçanha, prevendo o desenvolvimento industrial do país, procurou preparar o operário nacional. E de fato, a partir de 1914, em face da situação criada pela 1.ª Guerra Mundial, nossa indústria manufatureira começou a crescer na economia nacional.

Homem invulgar, Nilo Peçanha. Nasceu em Campos, a 2 de outubro de 1867, estudou direito aqui em São Paulo e no Recife. Já em 1888 era candidato a deputado, na chapa encabeçada por Quintino Bocaiuva. Mais tarde, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte e senador aos 35 anos. Saiu da Câmara Alta para assumir o governo de seu estado natal. Eleito vice-presidente, alçou-se à presidência em 1909, para completar o quadriênio do grande Afonso Pena, até 15 de novembro de 1910. Novamente presidente do Estado do Rio em 1915, deixou essa magistratura para assumir a pasta do Exterior, na presidência Venceslau Brás, entre maio de 1917 e 15 de novembro de 1918.

Encontrando-se na Europa para tratamento de saúde, foi novamente eleito senador pelo seu Estado, no desempenho de cujo mandato faleceu.

Para se aquilatar das excepcionais qualidades de administrador de Nilo Peçanha basta citar algumas de suas iniciativas em apenas ano e meio de presidência da República: instalando o Ministério da Agricultura, fomentando a triticultura e a exportação de produtos frutícolas, auxiliando a indústria do ferro, melhorando a navegação transatlântica, cuidando do combate às secas e do saneamento da baixada fluminense, reorganizando o Museu Nacional e o Jardim Botânico, reformando as leis processuais do Distrito Federal, regulamentando o Serviço de Proteção aos Índios, criando a Bolsa de Corretores, combatendo as epizootias e melhorando a polícia sanitária, formando patronatos de libertados, reformando o serviço postal e o tesouro, diminuindo os juros da dívida externa e, o que parece incrível, reduzindo taxas...

Cuidou do brasileiro do passado — o indígena, permitindo, pela regulamentação do Serviço de Proteção ao Índio, sua aculturação no Brasil contemporâneo — e do brasileiro do futuro, rasgando-lhe o largo horizonte da revolução industrial, porque, como disse, se o Brasil de então saíra das academias, o Brasil do futuro sairia das oficinas.

Outubro de 1959

(na Escola Técnica de São Paulo)